

“LE ROI EST MORT”: O DEBATE HISTORIOGRÁFICO SOBRE AS CAUSAS DA MORTE DE ALEXANDRE MAGNO NA BABILÔNIA, EM 323 A.C.

Henrique Modanez de Sant’Anna¹
Beatriz Aires Fernandes Cunha²

Resumo: Historiadores modernos, tais como A.B. Bosworth e D. Engels, tentaram apresentar uma interpretação convincente das fontes (quase sempre contraditórias) para a morte de Alexandre Magno, tenha sido o rei envenenado ou perecido por causas naturais. Este artigo tem por objetivo o estudo organizado de tais evidências, de modo a tentar colaborar com o debate acadêmico.

Palavras-chave: Alexandre Magno; Helenismo; Historiografia antiga

Abstract: Modern historians, such as A.B. Bosworth and D. Engels have tried to offer a convincing interpretation of primary sources (which often contradict one another) regarding the death of Alexander the Great, pointing that the king may have died either by poisoning or by natural causes. This article sheds light on primary sources for the theme, adding to academic debate.

Keywords: Alexander the Great; Hellenism; ancient historiography

Introdução

A pergunta que emerge de modo mais frequente entre os meus alunos³ sobre Alexandre Magno, quando se considera a expedição asiática de uma perspectiva histórica de longa duração, é, sem dúvida, a que remete ao seu legado. Legado que foi comumente mensurado, em especial a partir de Hegel, tendo os rumos da história do ocidente na mira. De fato, para o filósofo alemão Alexandre era o que se convencionou

¹ Professor Adjunto de História Antiga da UnB e “Fellow” do “Harvard Center for Hellenic Studies” (2012-13). Email: modanez@unb.br

² Graduanda em História pela UnB e bolsista (voluntária) de iniciação científica da UnB. Email: ibacfg.gl@gmail.com

³ Incluindo nesta observação a co-autora do artigo, minha orientanda de iniciação científica. Daqui em diante será adotada majoritariamente a primeira pessoa do plural, por se tratar de um artigo escrito em regime de co-autoria.

chamar de “indivíduo histórico-cósmico”, capaz de reunir poder e direcionar forças sociais para a realização de algo de grande importância histórica.

Outro modo de interpretar o legado de Alexandre para a história do ocidente, desta vez numa perspectiva mais modesta (e menos problemática, ao menos para os padrões aceitos pela comunidade científica hoje), é considerá-lo unicamente no cenário helenístico que se formou da fragmentação do império macedônico. Isto significa dizer que Alexandre, como afirmou Mossé, legou um exército imperial em vez de “nacional”, uma série de colônias gregas fundadas ao longo do Império Persa saqueado e, mais importante ainda, fundiu dois povos num processo político-militar que iria formar uma civilização que chamamos desde Droysen de “helenística” (MOSSÉ, 1994, 411). Além disso, fomentou a retomada do governo de tipo monárquico (dessa vez fortemente influenciado pela monarquia persa) em terras gregas e viabilizou a ascensão de grandes Estados territoriais (SHIPLEY, 2000, 39). Enfim, são ainda questões polêmicas, como todas ligadas à figura de Alexandre e ao que ele teria realizado em termos históricos, cujas bases fatalmente nos remeteriam à interpretação de seus feitos quando da sua morte na Babilônia, em 323 a.C..

Sobre o evento específico da morte do rei macedônio, há uma questão que o historiador por vezes ignora ou menospreza, talvez por ser ela ofuscada na discussão previamente exposta, e que impõe sérios problemas para a interpretação do cenário helenístico em seus primórdios: teria Alexandre sido envenenado ou perecido por causas naturais? Assunto divergente nas fontes que nos chegaram, longe de ser consensual entre historiadores ainda hoje, e sobre o qual nos debruçaremos neste artigo.

Os últimos anos de Alexandre Magno

Em 330 a.C., Dario foi traído e assassinado pelo sátrapa Besso, usurpador em potencial do trono persa. O único e real obstáculo para Besso era a vitória de Alexandre em Gaugamela, o que lhe assegurou o título (não-oficial mas inquestionável) de *kyrios tes Asias*. Impulsionados pela grande vitória sobre Dario, ou quem sabe motivados pelos espólios vindouros, Alexandre e seu exército não pareciam dispostos a voltar para casa:

em aproximados cinco anos, entre 330-325 a.C., eles marcharam pelo território oriental do Império Persa, chegando ao Punjab, local de derrota do rei Poro, em 327 a.C. (SHIPLEY, 2000, 37). A partir desse momento, o exército frequentemente se rebelou, recusando-se a ir adiante, a seguir seu rei e general em sua expedição. Embora os supostos discursos proferidos por Alexandre às tropas⁴ tenham sido preservados por Arriano (*Anábasis de Alexandre*, 5.28-29), uma das fontes mais completas sobre o rei, Diodoro é quem melhor identifica as razões pelas quais as tropas se recusavam a ir adiante:

Alexandre, de sua parte, estava ciente de que os macedônios encaravam a morte de Dario como o fim da campanha e estavam impacientes para voltar às suas casas. Ele os convocou para uma assembléia e, referindo-se a eles com argumentos fortes, instigou-os a querer segui-lo na porção da guerra que ainda restava, mas liberou as tropas aliadas das cidades gregas, após parabenizá-las pelo serviço militar prestado. (DIODORO, *Biblioteca Histórica*, 17, 74).

Após terem continuado pelo rio Indo, o saque de cidades e massacre de populações nativas prosseguiu. Em 325 a.C., após a travessia desastrosa do deserto gedrosiano, Alexandre parecia estar decidido a consolidar o seu recém-conquistado império (SHIPLEY, 2000, 37). Curiosamente, a decisão de consolidação de suas conquistas veio acompanhada de uma revolta de seu tesoureiro, Hárpalo, que a essa altura buscava refúgio no mundo grego, provavelmente por temer a postura autocrática do rei macedônio (cf. motins das tropas em 326 a.C.; Arr. 5.28-29), “já agora muito rigoroso com o comportamento de seus amigos” (Plut. *Dem.* 25). De posse de cerca de 6.000 mercenários e 5.000 talentos (Arr. 3.6; Filocoro FGrH 328 F 163), Hárpalo refugiou-se em Atenas, onde envolveu Demóstenes num escândalo político que terminou com o exílio do orador ateniense (Plut. *Dem.* 26). Aparentemente, Alexandre desejava centralizar o seu governo no coração do antigo Império Persa, possivelmente na Babilônia, como demonstram as famosas “Bodas de Susa” (324 a.C.), episódio marcante na harmonização das relações entre os macedônios e a nobreza persa (Arr. 7.4). Em Junho de 323 a.C., após a sua morte na Babilônia, os gregos das *póleis* puderam mais uma vez se revoltar contra os conquistadores macedônios e os últimos, por sua vez, estavam livres para abandonar os esforços (com os quais não concordavam,

⁴ Provavelmente composições livres de Arriano e fora de contexto (BOSWORTH, 1988).

ao menos não a maioria deles) de reconciliação com os persas. Sem ter indicado um sucessor, ao menos não claramente, Alexandre tinha legado uma história de descontrole político nos anos que sucederam a sua morte, a despeito de todos os esforços para preservar uma unidade imperial possível nos três primeiros anos de história helenística (Diod. 18.1).

As versões para a morte do rei e a implosão do exército macedônico em 323 a.C.

A morte de Alexandre o Grande sempre foi um assunto de muita repercussão, devido à incerteza quanto à natureza dos acontecimentos em 323 a.C. Não nos falta material acerca do rei macedônio, mas o problema se estende à questão da autenticidade e/ou fidelidade dos relatos, o que abre uma grande margem para questionamentos. Dentre os muitos estudiosos que tratam do tema, destacamos aqui dois importantes acadêmicos com visões opostas sobre o assunto: Donald Engels e A. B. Bosworth.

Donald Engels, em seu artigo *A note on Alexander's Death* (1978), defende que o rei teria sucumbido por causas naturais e não por envenenamento, avaliando as duas vezes em que este foi acometido pela moléstia: a primeira na Cilícia, em 333 a.C., e a segunda na Babilônia, que o levou à morte em 323 a.C.. Estas duas regiões eram favoráveis ao desenvolvimento de um tipo grave de malária transmitido pelo parasita *plasmodium falciparum*, conhecida como malária perniciososa, cujos sintomas, segundo ele, em muito se assemelham aos descritos nas fontes durante as duas ocorrências da doença de Alexandre. Engels também contra-argumenta a hipótese de envenenamento com o fato de que o próprio rei estava sempre atento às conspirações (reais ou não) contra ele, e que teria sido bastante improvável que este se tivesse deixado envenenar repetidamente durante dias até a sua morte, sem com isso ter tomado providências para que fosse detectado o culpado⁵; para ele, é bem mais provável que Alexandre tivesse contraído a doença durante a jornada pelos pântanos dos rios Tigre-Eufrates, que antecedeu a sua entrada na Babilônia.

⁵ No caso, ele adota a cronologia oficial dada por Arriano e Plutarco, baseada nos relatos das Efemérides Reais, na qual a Alexandre jazeu doente por aprox. 10 dias até o seu falecimento.

Tendo como auxílio os estudos do médico francês Emile Littré (*Médecine et Medecins*, 1872), Engels faz uma comparação entre os sintomas que acometeram Alexandre e os da doença: febre alta seguida de intervalos de lucidez e perda de voz, por exemplo. Além disso, tanto em Justino quanto em Diodoro são relatadas fortes dores nas costas, “como se tivesse sofrido um violento choque” (Diod. 18. 117. 2-3; Just. 12. 13) durante o banquete de Médios, o que é outro sintoma típico da doença, quando a infecção atinge a coluna vertebral. Além do mais, a degradada condição física do rei neste período, que incluía fadiga, má-nutrição, ferimentos e alcoolismo, provavelmente teria agravado o seu quadro de infecção, uma vez que, das quatro modalidades de malária, a que é transmitida pelo parasita *falciparum* tem mais chance do que qualquer outra de desenvolver manifestações perniciosas.

Na Cilícia, anteriormente, Alexandre teve uma primeira crise após entrar na cidade de Tarsus, tendo sido o primeiro sintoma um forte espasmo ou convulsão enquanto se banhava no rio Cydnus, provavelmente este sendo o primeiro estágio da doença; após ter sido levado para sua tenda, este passou a sofrer com febres violentas e insônia e algum tempo depois, de depressão; após a intervenção do médico Filipe, teria perdido a fala, adquirido dificuldades respiratórias, insensibilidade e inconsciência e, mesmo depois de tê-la recobrado, este não se recuperara antes de passados dois meses (*Anábasis de Alexandre*, 2. 4). Há duas explicações possíveis para este agravamento e prolongamento dos sintomas, segundo Engels, que poderia ter sido a intervenção do médico Filipe, que lhe havia administrado uma poção⁶, ou poderia ter sido a manifestação do estágio seguinte da doença, que, além da febre, inclui complicações cerebrais e coma, e o tempo de recuperação da vítima é geralmente de dois meses, tempo que coincide com a duração da doença de Alexandre. O rei também não teria sido o único a contrair a doença, uma vez que tais regiões eram extremamente endêmicas durante o verão e, segundo Arriano (*Anábasis de Alexandre*, 2.7), vários soldados foram deixados para trás por conta da doença. O episódio na Babilônia teria sido, dessa forma, um novo processo infeccioso pelo mesmo parasita, tendo tido desta vez resultados fatais.

⁶ É interessante ressaltar que à época, devido à falta de conhecimento da doença, muitos médicos e curandeiros acabavam agravando o estado de seus pacientes, senão os levando à morte.

Assim, parece-nos válida a teoria de que tenha sido a doença a causa da morte do rei em vez do envenenamento, tomando por base, é claro, uma interpretação rigorosa dos relatos tidos como referência e levando em consideração as circunstâncias físicas e ambientais em que os macedônios se encontravam. Por razões óbvias (ausência do corpo), não há como apresentar provas para tal hipótese além dos escritos oficiais, uma vez que somente um estudo médico concreto das condições físicas do rei poderia sustentar realmente a hipótese da doença.

Embora as principais fontes rejeitem as hipóteses de envenenamento, há quem ainda discuta a respeito da veracidade dos relatos das fontes e da origem dos rumores de envenenamento, como faz A. B. Bosworth (1971), que defende que certos relatos das fontes originais e também os rumores a respeito do episódio poderiam ter sido usados como propaganda (provavelmente em prol de determinados círculos políticos, segundo ele), e que a morte de Alexandre muito provavelmente fora nada menos do que “providencial”. Neste ponto, o assunto torna-se bastante obscuro.

As fontes para a morte de Alexandre

A questão se concentra no que dessas fontes é legítimo e no que é fruto de invenção pura ou mesmo preconceitos dos autores. A situação complica-se mais ainda pelo fato de as fontes contemporâneas dos eventos não terem sido conservadas. Calístenes, um historiador profissional designado pelo próprio Alexandre e sobrinho de Aristóteles, escreveu os “Feitos de Alexandre”, obra interrompida por sua prisão ou execução; Ptolomeu, que mais tarde tornou-se rei do Egito, escreveu sua história baseada nas Efemérides de Alexandre, e por isso é tido como umas das fontes mais confiáveis; outros contemporâneos, como Aristóbulo, Nearco e Onesícrito, também deixaram seus relatos; por fim, há ainda Clitarco, que escreveu ao menos 12 livros sobre a expedição de Alexandre. Infelizmente, tais fontes não foram conservadas, de modo que somos obrigados a recorrer a autores secundários não-contemporâneos dos eventos, que se basearam nos escritos primários e que indiretamente vieram a substituí-los (WALBANK, 1993, 1). De todos eles, o principal deles é Arriano, que se baseou principalmente em Ptolomeu e Aristóbulo. Em seguida, temos Diodoro (a fonte mais

antiga para o período) e Quinto Cúrcio, que usaram Clitarco na maior parte de seu trabalho. Além deles, contamos com Plutarco, que usou diversas fontes na elaboração de sua obra *Vidas*, e Justino, historiador romano do século II ou III d. C., autor de uma antologia sobre a história universal, que constitui uma importante fonte de informação sobre a Macedônia e os reinos helenísticos.

As Efemérides Reais, no entanto, são tidas pela maioria dos historiadores antigos como os relatos oficiais acerca da morte de Alexandre e, por sua vez, os mais verídicos. A descrença dos principais escritores nos rumores de envenenamento, por sua vez, parte deste princípio, sendo que tais rumores desde cedo constituíram um importante papel no conflito dinástico subsequente, a maioria usada abertamente para incriminar a família de Antípatro (BOSWORTH, 1971, 113; 117). Tanto Arriano (*Anábasis de Alexandre*, 7. 26) como Plutarco (*Vida de Alexandre*, 76) referem-se às Efemérides ao descrever a progressão da doença de Alexandre e sua morte.

Plutarco, cabe dizer, chega a afirmar ter praticamente parafraseado os relatos das Efemérides, após dar uma descrição das atividades de Alexandre durante os dias que sucederam o banquete até o momento de sua morte. Eis o seu depoimento a respeito do assunto:

A maior parte deste relato está palavra por palavra como escrito nas "Efemérides". E quanto às suspeitas de envenenamento, ninguém teve alguma imediatamente, mas cinco anos depois, como nos foi relatado, através de uma denúncia, Olímpia mandou matar muitos homens, e dispersou as cinzas de Iolas, alegando que este teria administrado o veneno. Já aqueles que afirmam que Aristóteles foi cúmplice de Antípatro e que o veneno foi administrado por seu intermediário, mencionam certo Hagnotêmis, que teria ouvido a história do rei Antígono; e que o veneno era água, fria e congelada, proveniente de uma rocha em Nonacris; este foi recolhido como um suave orvalho e guardado num casco de um asno, pois nenhum outro recipiente poderia conter o líquido, pois seria estilhaçado por este, cedendo à sua frieza e acidez. A maioria dos escritores, no entanto, considera a história de envenenamento invenção; uma prova disso é que durante as desavenças dos oficiais de Alexandre, que duraram muitos dias, seu corpo, embora deixado sem cuidados especiais em locais úmidos e abafados, não mostrou sinal algum de tal influência destrutiva, mas permaneceu puro e fresco. (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 77.)

Quanto à vingança de Olímpia, também encontramos relatos do acontecido em Diodoro (*Biblioteca Histórica*, 19.11.8), que apresenta também um curioso relato a

respeito do banquete de Medios⁷, onde Alexandre festejou por último antes de adoecer (*Biblioteca Histórica*, 17.117). Ele mesmo, embora desacredite a hipótese de envenenamento, segue ainda com um relato dos rumores sustentados por aqueles que não aceitavam a morte de Alexandre como natural. Tal relato de envenenamento é recorrente também em Plutarco e Arriano, que o atestam como um rumor. Justino, no entanto, é o único a se posicionar contrariamente às demais fontes, alegando que Alexandre fora realmente vítima de uma conspiração, listando ainda os possíveis responsáveis e suas razões:

Seus companheiros relataram que a causa de sua doença foi o excesso na bebida, mas na realidade foi uma conspiração, cuja infâmia o poder de seus sucessores lançou no esquecimento. O autor desta conspiração foi Antípatro, que, vendo que seus companheiros mais próximos haviam sido executados, que Alexandre Lincestes, seu genro, havia sido cortado, e que ele próprio, depois de seus importantes serviços na Grécia, era mais invejado do que apreciado pelo rei, e era também importunado por várias incumbências de sua mãe Olímpia; considerando, também, as severas penalidades infligidas, alguns dias antes, aos governadores das nações conquistadas, e doravante imaginando que ele havia sido chamado da Macedônia, não para tomar parte na guerra, mas para sofrer o castigo, secretamente, de modo a antecipar-se a Alexandre, proveu seu filho Cassandro com veneno, que, com seus irmãos Filipo e Iolas, era encarregado de servir o rei à mesa. A força desse veneno era tão grande, que poderia ser contido não em bronze, não em ferro, não em (shell?), nem poderia ser contido de nenhuma outra forma que em um casco de um cavalo, Cassandro havia sido alertado a não confiar em ninguém a não ser o Tessálio e seus irmãos; e daí o banquete foi preparado e (renovado?) na casa do Tessálio. Filipo e Iolas, que costumavam provar e misturar o vinho, tinham o veneno em água gelada, que colocaram na bebida depois que esta fora provada. (JUSTINO, 12. 14)

O fato de termos hoje fontes que relatam histórias de envenenamento, independentemente da crença do autor em tais histórias, indica que já naquela época estas mesmas devem ter tomado corpo e percorrido toda a Grécia, tendo sido fortemente suprimidas após tempos após a morte do rei, uma vez que neste tempo Antípatro tomara para si o poder, seguido por Cassandro, seu filho e sucessor, e nenhum escritor, segundo Diodoro, ousou escrever sobre a droga (*Biblioteca Histórica*, 17: 118. 1). É neste ponto que tem origem a tese a respeito da propaganda contra Antípatro.

⁷ A versão na qual Alexandre grita de dor após entornar um cálice de vinho no banquete, tendo sido logo após levado por seus companheiros para seus aposentos, onde continuou a agonizar até o momento de sua morte, é sustentada apenas por Diodoro e Justino, porém rejeitada pelas demais fontes.

A hipótese sobre a propaganda contrária a Antípatro

Tal hipótese questiona, primeiramente, a oficialidade das Efemérides, e o motivo pelo qual Plutarco e Arriano apresentam o documento como um relato confiável da morte de Alexandre, mas o ignoram alhures, (Plutarco em sua maior parte e Arriano completamente) e, logo após, o porquê de nas poucas referências feitas ainda existirem diversas discrepâncias, concluindo que os dois escritores podem ter tido acesso a textos diferentes, e que estas poderiam ser um documento que relatava apenas os meses finais da vida de Alexandre. Logo, Arriano e Plutarco poderiam ter tido acesso às Efemérides por meio de outros escritores (BOSWORTH, 1971, p. 120-121).

Segue-se, daí, uma investigação a respeito da composição das Efemérides e quanto à possibilidade de elas terem sido usadas como propaganda. Ateneu e Eliano atribuem a sua composição a Eumenes de Cárdia, que foi secretário-chefe de Alexandre durante a campanha da Índia (Plut., *Eumenes*, 1), e Bosworth atesta a data como sendo o período de convivência dos oficiais de Alexandre entre a data de sua morte e o início das hostilidades entre Antípatro e Perdicas no inverno de 322/1 a.C. (aprox. 18 meses). Este documento "semi-oficial" teria eliminado o envenenamento como causa de morte ao dar um relato dos últimos dias de Alexandre, passando a forte impressão de que o seu estado final teria sido antecipado por uma maratona de excessos, e que o rei teria arruinado sua saúde em razão do álcool em abundância, sucumbindo facilmente à doença então induzida. As Efemérides teriam sido, portanto, um poderoso recurso para Antípatro, tendo tido grande circulação afora, uma vez que chegara a Plutarco e Arriano por vias diferentes. Por outro lado, Perdicas teria liderado o fortalecimento dos rumores em função de seus próprios propósitos, sugerindo uma conspiração liderada por Antípatro para envenenar o rei.

Agora, é verdade que Antípatro, a julgar pelas indicações das fontes, e pela velocidade com que correram os rumores após a morte de Alexandre, tinha muito a ganhar com a morte de Alexandre. Após o seu retorno da Índia, o rei havia infligido punições severas aos sátrapas que, julgando que este nunca retornaria, haviam mostrado deslealdade e abuso de poder (Cúrcio, 10: 1. 6-8) de modo que era bem provável que

Antípatro, que vinha exercendo controle sobre a Macedônia, tivesse sua posição ameaçada:

[...] É certo que Alexandre frequentemente ouvia dizer que Antípatro tomara para si a posição de um rei, que ele era mais poderoso do que um prefeito haveria de ser, e que este havia [inflado-se] com os ricos espólios e a fama de sua vitória espartana enquanto clamava como seu tudo o que o rei havia lhe dado. (CÚRCIO, *História de Alexandre*, 10.10.14-15)

Apesar disso, Antípatro não seria o único a lucrar com a morte do rei macedônio. Alexandre tinha ainda grandes planos de expansão rumo ao oeste, e seus comandantes provavelmente sabiam disso; além do mais, havia uma guerra iminente na Grécia, e uma tensão reprimida nas tropas de Alexandre, que por duas vezes as levou ao motim. Arriano enfatiza a natureza insaciável de Alexandre:

De minha parte não posso determinar com certeza que tipo de plano Alexandre tinha em mente, e não tenho intenção alguma de fazer adivinhações, mas se tem algo que posso afirmar por mim mesmo, é que nenhum plano de Alexandre era pequeno e medíocre e que, não importa o que ele já tivesse conquistado, ele não teria parado por ali, nem mesmo se ele tivesse aderido a Europa à Ásia e as Ilhas Britânicas à Europa, mas ele sempre buscaria muito além por algo desconhecido, competindo mais com si mesmo do que com qualquer outro. (ARRIANO, *Anábasis de Alexandre*, 7.1.4-5)

O comportamento de Alexandre também teria se tornado cada vez mais autocrático desde a morte de Dario, e seus companheiros e demais soldados tinham de lidar frequentemente com seu temperamento complexo. O sonho de unificação dos povos de Alexandre (se é que um dia existiu) havia custado muito dinheiro e muitas vidas, e ainda haveria de custar mais, e a sua nova política de orientalização e a crença na divindade de sua própria pessoa vinham causando extremo desagrado nos macedônios (Cúrcio. 8.5.5-24). Por sua vez, o ouro que Alexandre empregava em sua severa campanha logo não seria mais suficiente para conter a insatisfação geral, que crescia cada vez mais à medida que Alexandre ignorava os desejos de seu exército e deixava-se guiar pela imprudência (WORTHINGTON, 1999). Levando tais fatores em consideração, as chances de que a morte de Alexandre tenha sido providenciada tornam-se consideráveis.

A morte de Alexandre deixara um lapso com relação à sucessão. Sua esposa, Roxana, estava grávida, mas não havia como saber o sexo da criança, e havia também

objeções para com os companheiros de Alexandre em se ter um rei de ascendência bárbara (Cúrcio. 10.6.12-15). Havia ainda o meio-irmão de Alexandre, Arrideu, filho de Filipe e uma de suas concubinas, mas este era vítima de uma doença mental que impedia o exercício da função. O ponto crucial concentrava-se na regência, pois era o regente quem, de fato, deteria o poder⁸. No entanto, a situação complicava-se ainda mais, pois dois dos macedônios mais influentes não se encontravam presentes para a aclamação dos sucessores na assembléia: Antípatro, que se encontrava detido na Macedônia em função de um levante na Grécia (Diod. 18.9.1-5), e Crátero, que se encontrava na Ásia, junto com um regimento de 10.000 veteranos rumo a Europa, enviados por Alexandre anteriormente à sua morte (Arr. 7.12.3-4; Cúrc. 10.3.3; Diod. 17.109.1). As decisões foram tomadas então, por oficiais mais jovens, dentre eles Perdicas e Ptolomeu, que dividiram as províncias entre si e traçaram um plano no qual o filho de Alexandre e Roxana deveria reinar, enquanto o próprio Perdicas seria o regente (Diod. 18.2-3; Cúc. 10.10.2-5). Antípatro, embora não tivesse tomado parte na divisão inicial, beneficiara-se com o fato de que, graças a Perdicas, os últimos planos de Alexandre foram cancelados, assim como sua deposição, que fazia parte da missão de Crátero (Diod. 18.4.1-3). Este último, no entanto, era um dos oficiais mais importantes de Alexandre e, em razão das circunstâncias, foi deixado sem nenhum posto. Houve, no entanto, um levante na cavalaria a favor da designação de Arrideu como sucessor (Cúrc. 10.7.2; Diod. 18.2.2; Just. 13.3), e as fontes são contraditórias a respeito disso, mas a conclusão fora de que, diante do perigo de tal revolta, estabeleceu-se um acordo no qual o filho de Alexandre e Arrideu compartilhariam a realeza, enquanto Perdicas e Crátero compartilhariam a regência, Crátero como *prostates* dos reis, e Perdicas como quiliarca.

Conclusão

A hipótese de Bosworth era que Antípatro, ameaçado de deposição e possivelmente execução, resolveu contra-atacar por meio de seu filho, Cassandro, o qual

⁸ Deve-se levar em consideração o fato da não-existência de uma constituição escrita na época, o que facilitava em muito a usurpação dos tronos por seus regentes, manobra, inclusive, já realizada anteriormente por Filipe, em 359, sobre seu sobrinho Amintas.

enviara à corte na Babilônia. Lá, os generais formaram uma aliança e parcelaram o império entre eles e, no tempo certo, Alexandre foi eliminado. O império foi passado para os sucessores sem grandes dificuldades, até que Perdicas, após um ano de relativa harmonia, quebrou o acordo em favor de sua própria supremacia. Os rumores e boa parte das fontes, conseqüentemente, teriam sido amplamente usados como armas no que veio a se tornar a guerra pela sucessão ou, como quis Diodoro (18.1), os “jogos fúnebres” do rei.

Por outro lado, é possível que Engels esteja correto e que Alexandre tenha sucumbido por malária, ou por alguma outra das enfermidades já sugeridas por diversos pesquisadores, e que as circunstâncias em que se dera o acontecimento tenham sido mera coincidência. Todavia, é impossível negar que a morte de Alexandre tenha chegado num momento mais que oportuno para muitos. No decorrer da história, vemos relatos tomarem rumos diferentes na medida em que mudam também os que estão na disputa do poder político supremo, e é esta a questão que se torna especialmente delicada no caso de Alexandre. As fontes são extremamente contraditórias e os rumores sobre o envenenamento não aparentam ter surgido do nada, tornando todo o acontecimento de natureza muito questionável, de modo que tais evidências não podem ser desconsideradas, e devem ser estudadas mais a fundo.

REFERÊNCIAS

Fontes

ARRIANO. **Anábasis de Alexandre**. Tradução de P. A. Brunt. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1993.

DIODORO SÍCULO. **Biblioteca Histórica**. Tradução de Russel M. Geer. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1947.

JUSTINO. **Justino, Cornélio Nepos e Eutrópio**. Tradução de John S. Watson. London: H.G. Bohn, 1853.

PLUTARCO. “Vida de Eumenes”. In: _____. **Vidas Paralelas (vol.III)**. Tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991.

_____. “Vida de Demóstenes”. In: _____. **Vidas Paralelas (vol. V)**. Tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991.

QUINTO CÚRCIO. **Historia de Alexandre, livros VI-X**. Traduzido por John C. Rolfe, Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1946.

Bibliografia:

BOSWORTH, A. B. **The Death of Alexander the Great: Rumour and Propaganda**. *The Classical Quarterly*, 1971, No 1, Vol. 21, pp. 112-136.

ENGELS, Donald. **A Note on Alexander's Death**. *Classical Philology*, 1978, Vol. 73, No. 3, pp. 224-228.

FGH = JACOBY, Felix et al (orgs.). **Die Fragmente der griechischen Historiker**. Leiden/Berlin, 1923-

MOSSÉ, C.; GOURBEILLON, A. S. **Síntese de História Grega**. Porto: ASA, 1994.

MOSSÉ, Claude. **Alexandre o Grande**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

SHIPLEY, Graham. **The Greek World after Alexander, 323-30 BC**. London and New York: Routledge, 2000.

WALBANK, F.W. **The Hellenistic World**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

WORTHINGTON, Ian. **How “Great” was Alexander?** Em: <http://www.utexas.edu/courses/citylife/readings/great2.html> . Acesso em: 05 de outubro de 2012.